

revista do museu da oralidade



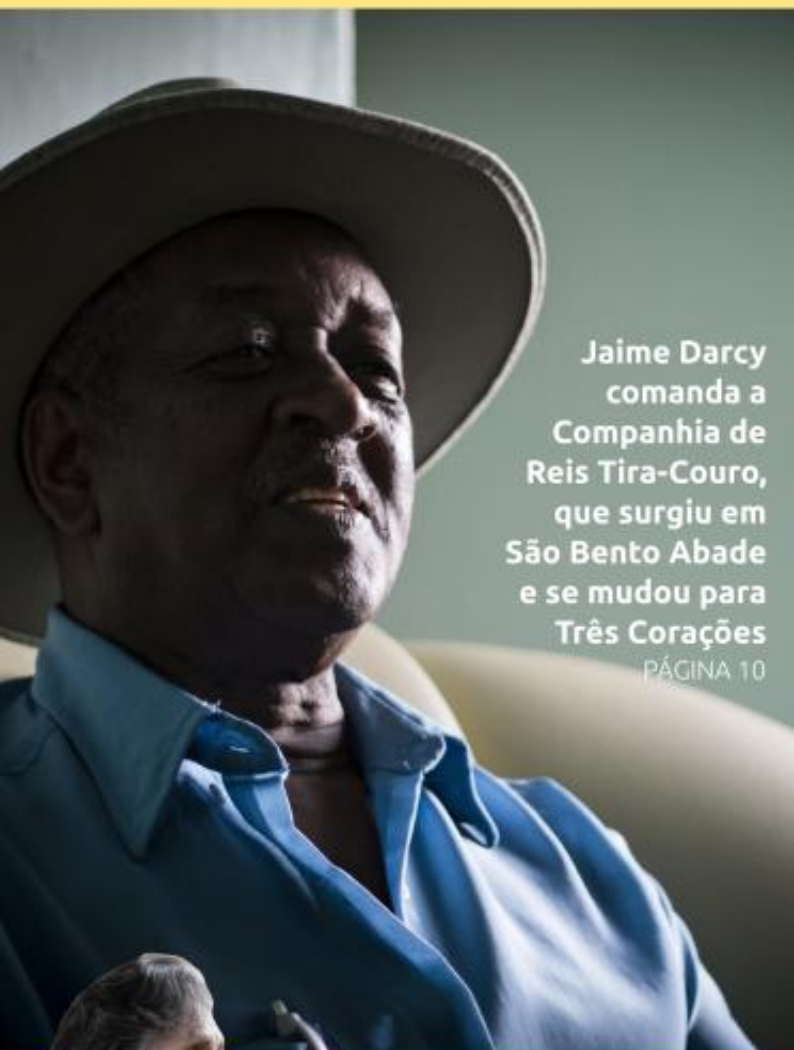
#6
AGOSTO
2013

viraminas



ORA!

Folia é com ele



Jaime Darcy
comanda a
Companhia de
Reis Tira-Couro,
que surgiu em
São Bento Abade
e se mudou para
Três Corações

PÁGINA 10



TRADIÇÃO DE FAMÍLIA (PÁG. 5)
Helena Fonseca fala dos
partos na roça e do poder
medicinal das plantas

AGNES ZIMANYI 20 ARTES CÊNICAS 22



O grito ecoou

A última edição de Ora! trazia um editorial com o grito "A cidade precisa gritar". Coincidência ou não, nos últimos meses, a juventude brasileira foi às ruas e gritou contra tudo o que está aí. Foi um desabafo coletivo, surgido como reflexo de manifestações em várias outras cidades, em especial a capital paulista, que protestou contra o aumento da tarifa do transporte público. Quem desceu a avenida Getúlio Vargas e ocupou a praça Odilon Resende, em Três Corações, talvez esteja ainda em busca do resultado prático daquela mobilização. Ainda é cedo para cravar com precisão este resultado e quem sabe não será possível fazê-lo nos próximos meses ou anos.

O que todos sabemos é que o movimento vem como desdobramento de uma conquista relativamente recente, mas fundamental para várias outras que vieram em seguida: a democracia. O fato de vivermos em uma democracia nos garante uma série de liberdades, mas traz também um caminho de deveres que poucos de nós nos damos ao trabalho de cumpri-los.

Em 2013, vivemos um processo democrático que depende da energia e da mobilização de muita gente para dar certo. Estamos construindo os planos municipais de cultura, que valerão por dez anos e nos dirão aonde queremos chegar neste setor que é imprescindível para o desenvolvimento das cidades. O Plano Municipal de Cultura de Três Corações já está em discussão. Nesta fase, qualquer cidadão pode contribuir. É preciso, para isto, mobilizar a comunidade e fazê-la dizer onde ela quer estar daqui a uma década. Esta visão futura é a base para tentar compreender qual o papel da arte e da cultura para que o município alcance a meta proposta. A partir desta compreensão, todos os cidadãos podem se sentar na mesa de negociação e propor o plano.

A tarefa pode parecer complexa, mas deveria ser bastante simples para quem tem a energia de ir às ruas e gritar por mais educação, saúde e justiça.

A equipe

GUIA CULTURAL

SERVIÇOS E OPÇÕES NA REGIÃO

ESPAÇOS CULTURAIS

Biblioteca Pública de Três Corações - Praça Odilon Resende de Andrade, Centro - (35) 3691-1085

Biblioteca de Todo Mundo - espaço de incentivo à leitura da Viraminas. Cadastro e empréstimo gratuitos de livros - Rua Padre José Bueno, 170. Centro, Três Corações. 3231-2690.

Casa Pelé - Réplica do local onde nasceu o rei do Futebol. Aberto de terça a sábado. Visitação gratuita. Rua Édson Arantes do Nascimento, 1000. 3234-2179.

PUBLICAÇÕES

Guia de Três Corações - negócios, opções de cultura e lazer, lugares para conhecer e histórias da cidade. Podem ser retirados gratuitamente em espaços parceiros ou adquiridos em banca.

AUDIOVISUAL

Cineclube da Viraminas - exposições de filmes toda quinta-feira. Info: 3231-2690.

Participe desta coluna. Envie indicações de cursos e serviços para ora@viraminas.org.br

Ora! é uma publicação do Ponto de Cultura Museu da Oralidade. **Realização** Viraminas Associação Cultural. **Presidente** Mônica Furtado. **Tesoureira** Bartira Bertamini. **Secretária** Elisabete Souza. **Jornalista responsável** Paulo Morais (MTb 07996MG). **Projeto gráfico e editorial** Kutuco Editora e Produtora Cultural. **Apuração e redação** Paulo Morais. **Fotos:** Maria Helena Dias e Paulo Morais. **Ilustração:** Lara Vichiatto.

Toda a revista é elaborada em software livre. A distribuição da **Ora!** é gratuita. **Onde encontrar:** Museu da Oralidade, Casa Pelé, Biblioteca Pública de Três Corações.



Cultura



Ministério da Cultura



O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido para fins não-comerciais, desde que citada a fonte.

SABEDORIA POPULAR

A força que mulher da roça tem



Aos 80 anos de idade, dona Helena Fonseca não abre mão do hábito de só tomar remédios caseiros. Ela cultiva tudo quanto é remédio da horta e conta como se virava nos tempos em que não havia recurso no campo



Tem uma turma de Helena aí, e estão todas esparramadas”.

Quem conta é dona Helena

Fonseca Pereira, de 80 anos, referindo-se às filhas de empregadas da fazenda que contaram com a ajuda dela para darem à luz. Nascida e criada na fazenda do pai, o ex-prefeito de Três Corações Nelson da Fonseca, Helena, a original, já trabalhou de parteira, rezadeira, retireira e tudo mais que a vida na roça exigia. “Eu gostava mais de trabalhar na dureza mesmo, pegar no duro e fazer serviço de homem. Porque antes mulher não fazia esse tipo de serviço não, era pra ser doméstica”, lembra ela, que é a mais velha de cinco irmãos.

Helena conta que o trabalho com os partos aconteceu meio que por acaso. “Não tinha parteira, e esse negócio de levar para a cidade para ter neném não existia, eles não recebiam as moças da roça”, recorda. O primeiro parto foi para a esposa de um afilhado. Uma bacia com água fervida era mais que o suficiente para o trabalho. As mãos ajeitavam o bebê para a posição ideal e dali a algumas horas, estava tudo pronto. Bom, lendo dessa forma parece até que era tranquilo. Mas pelo que Helena conta, era mesmo. “O casal chamava Lázaro e Argentina. Ele ficava só na cozinha, chorando, nervoso, e eu mandando ele dormir. A mãe dela ficava me ajudando, não sabia muito, mas ficava lá comigo. E eu fiquei com a mãe a noite toda, ajudando ela com a respiração, e quando foi quatro horas da manhã o bebê nasceu. Cortei o umbiguinho e tirei a placenta”, relembra, com a calma de quem conta história na varanda da roça.

O ofício de parteira foi uma mistura de instinto com observação do trabalho da avó, Maria Dias, conhecida na cidade como Sá Dia. Ela morava no centro, próximo de onde hoje fica a Praça Pelé, e se encarregava dos partos das sobrinhas, primas, comadres e das filhas, incluindo os de dona Helena. “Ela fazia o parto e só depois é que o médico vinha. Mas era ela que fazia o parto”, afirma.

Nos nascimentos da roça, sempre ia bem uma oração para garantir a saúde da criança. “Tudo que eu vou fazer eu rezo, em alguma coisa mais complicada eu sou atendida e nunca deu nada errado”,



comenta. A primeira reza é para o quebranto”, diz. Mas o que é o quebranto? “Isso eu não sei explicar. Se a pessoa tem o olho meio forte ou se tem uma tendência pro coração meio fechado... porque a pessoa, para transmitir uma coisa ruim para outra, ela tem que ter alguma coisa ruim dentro dela. E aí a criança fica nervosa, não mama direito, fica só chorando, desanda o intestininho, sabe?”.

Modernidade

Os nascimentos das crianças na roça acabaram se modernizando e também migraram para o hospital. Dona Helena conta nessa época outras mudanças chegavam ao campo. Uma delas veio de um comerciante, que ofereceu a ela a possibilidade de começar a procriar o gado pela inseminação artificial. “Eu já estava acostumada a fazer o parto das vacas, desde o tempo do meu pai, já conhecia o organismo delas. Nós encomendamos o sêmen com um vendedor, veio de navio dos Estados Unidos. Eu pedi aos empregados para mataram uma novilha, eu destrinchei e estudei o útero. A primeira inseminação já



Remédio pro rim, eu faço muitos pra essa redondeza. Gente de Varginha, de São Bento, tudo vem pegar aqui em casa. Eu faço as etiquetas, 15 garrafas, e mando lá pras vilas, pessoas assim mais simples, que não tem recurso. E esse remédio, você rala o caroço de abacate, põe dentro da garrafa, e vai enfiando ele, depois você completa com a cerveja. Eu tenho sempre rolha guardada, aí eu completo, ponho a rolha bem fechadinho, e pego essas fita adesiva, fecho bem, e abro um buraco no chão, debaixo de uma árvore, bem fresquinha, e ponho lá e deixo oito dias

8 ORA!

deu certo, Santa Nhá Chica me ajudou muito”, recorda. Segundo Helena, ela foi a primeira mulher a fazer inseminação artificial no Brasil.

O tratamento com o gado é uma das paixões da fazendeira, que afirma nem sonhar em trocar a vida na propriedade rural pela cidade. Mescla de herança do pai com novas aquisições, as terras atuais da família produzem principalmente leite e café, para o mercado interno e até para o exterior. As cifras da produção são altas, o processo é todo informatizado e acompanhado por técnicos. Apesar do contato com a modernidade, dona Helena ainda guarda muito do conhecimento tradicional, que a faz viver o cotidiano da roça quase como que antigamente.

Um exemplo disso é a proximidade que ela tem com plantas medicinais. Nos corredores entre os pastos do gado, a fazendeira plantou centenas de mudas das mais diversas espécies, tanto de árvores para dar sombra às vacas, quanto de ervas rasteiras, que servem para consumo e para fazer remédios. Nem o joelho prejudicado pela idade tira dela a vontade de circular pela terra mostrando os canteiros de tudo quanto é tipo de folha. Bálsamo, pimentas, couve, dente-de-leão, cânfora, arnica, graviola, acerola e por aí vai, cada um com uma função. Um para o intestino, outro para dor de dente, outro para as articulações, outro para sinusite, outro para bronquite, outro para machudaos. “Eu não fico doente e nem tomo remédio de farmácia”, conta.

O destaque dentre as receitas de remédio caseiro é, sem dúvida, a mistura para pedra nos rins. Primeiro, Helena pega o caroço de um abacate maduro, separa a casca e rala o miolo numa bacia. Joga aquilo tudo dentro de uma garrafa de vidro devidamente esterilizada e completa com duas latas de cerveja preta. “Eu tive um rapaz aí que tava desenganado, o médico disse que não tinha mais jeito não. Tava com infecção nos rins e cheio de pedra. Não podia operar porque tava inflamado demais. Aí eu fiz, mas só que pra ele eu tive que fazer duas vezes. Tomou, não tem mais nada”, lembra dona Helena.

PERFIL JAIME DARCY

O embaixador tem que ter inteligência



Jaime Darcy é uma figura sempre lembrada quando o assunto é a Folia de Reis de Três Corações. Esta manifestação cultural, que conta com mais de 40 companhias na cidade e envolve cerca de 1.200 pessoas, tem neste violeiro um de seus principais contadores de causos. Por causa disso, o Museu da Oralidade não podia deixar de fazer uma visita à casa do mestre, no bairro Vila Jessé. Mais do que a Folia de Reis, perguntamos sobre o passado em São Bento Abade, onde nasceu, e sobre algumas lendas que ele tão bem conhece. Confira tudo o que foi conversado nesta entrevista.

Como era São Bento e a casa onde o senhor nasceu?

Era aquerla casinha de capim. Usava aquelas casinha assim, coberta com sapé. E depois foi indo, começou essas telhas aí. Depois que meu pai faleceu, aí eu passei a viver na casa do meu avô, da minha vó, então aí morava junto com eles. E daí fui tocando. Eu nasci em 1939, em junho, e meu pai faleceu em fevereiro. Eu não conheci meu pai, mas ele era folião também.

10 ORA!

Seus avós chamavam como?

Adolfo Lorenço da Silva e Francisca Alves da Silva.

A casa era roça ou cidade?

Era na roça do Tira Couro, aonde tem a figueira, era pertinho. Eu nasci mais perto da figueira de que aonde eu vivia, na casa deles. Era lá no Córrego do Mina.

E sua mãe trabalhava com o que?

Nesse tempo minha mãe trabalhava na lavoura, ajudava meu pai a carrear, porque meu pai era carreiro e ela ajudava também naquele tempo. Então depois ela foi embora para o Rio de Janeiro e aí eu fiquei e fui criado com a minha avó e meu avô.

E era só o senhor? Não tinha irmãos?

Não, num tem não. O irmão que eu tinha faleceu novinho também. Aí é só eu.

E lá em São Bento já tinha a Folia de Reis?

Já tinha. Meu pai era folião do pessoal lá em São Bento, da família dos Nicomedes lá. Tinha o Antônio, o Elói. Meu pai chamava Geraldo, então era essa turma que era os folião. Lá, tinha a folia do Benedito, e tinha outro que eu esqueci o nome.

Seu avô era folião também?

Era, mas quando eles faleceram eu era criancinha pequena. Ah, lembrei, era Zeferino Serraia, o outro. Aí então cada um queria que eu fosse acompanhar a folia deles por causa do meu pai. Meu pai era folião, vestia de marungo e era bom sanfoneiro, então eu vim pegando aquilo ali. Alguma coisa que eu aprendi, foi por Deus mesmo, que a proteção de Deus vem trazendo pra gente. O negócio de Reis o povo pensa que é fácil e não é, né rapaz? Porque, se fosse assim, tem gente que tem muita leitura que chegava e embaixava Reis, mas não embaixa fácil não. Porque o verso de Reis, se fosse igual um CD, que você fazia um aqui e chegava ali era a mesma coisa. Mas não pode, se eu chegar e cantar na sua casa, eu tenho que chegar e cantar na casa dela outro verso, porque senão não tem sentido aquilo que a gente faz.

O senhor é embaixador de reis?

Embaixo, mas não vou falar que eu sou embaixador não, porque às vezes pode ter algum melhor que eu. Mas, nessa parte de

religião, nesse tempo todo que eu tiro reis, ninguém nunca me barrou ou falou que eu fiz coisa errada não, porque sempre eu pego com a proteção de Deus em nome de santo.

O senho começou de marungo?

É, comecei de marungo e logo já comecei a cantar, então de marungo não tenho muita inteligência de marungo não. Se for pra tá pulando, virar cambota eu não faço isso não. Mas dançar eu dançava mesmo.

E pra cantar o senhor aprendeu sozinho?

Aprendi. Eu via aqueles embaixador mais velho que embaixava, eu peguei o ritmo e ficou até hoje. Então cada lugar que eu chego, eu penso, eu vejo o jeito das pessoas, eu chego, eu canto procê, canto pra ela, canto pro outro. Então cada lugar que a gente chega, tem que ter um jeito pra gente saber como que é, quando a pessoa recebe a gente direitinho. Se eu mandar a bandeira entrar pra dentro de casa e a gente cantar de fora, eu sei como que eu vou cantar. Se eu chegar e a porta tiver fechada, aí eu sei também. Ou mesmo pedir pra eles abrir a porta, como que faz, se tiver escurecendo, como que faz, se tiver chovendo. Então aí isso tudo o embaixador tem que ter inteligência.

Hoje na folia o senhor toca viola?

Viola.

E o senhor aprendeu sozinho também?

Não, a viola eu aprendi assim, nós tinha a turminha que tocava uma moda sertaneja, então na inteligência da gente, a gente foi vendo como que um batia, outro batia, aí foi pegando e foi indo. Terço de São Gonçalo, também, a gente via os outros fazendo e a gente ajudava.

Explica como que é o terço de São Gonçalo.

O terço de São Gonçalo, nós canta os verso e depois bate a viola, o pessoal dança. Aí pra frente e pra trás, pra frente e pra trás. Aí parou, canta os verso, e aí o pessoal pra trás dança, vai dançando. Então isso tudo vai ajudando a influir as coisas de reis, desafio, a gente tudo aprendia com os pessoal mais velho.

Tudo isso é improvisado, é na hora?

É na hora, tem que ser repentista (risos).

Lá em São Bento o senhor trabalhava

12 ORA!

onde?

Na fazenda do Flávio Farchado. Eu mexia com apanhador pra panhar café, balaio, roçava pasto, capinava café, plantava roça, silava milho, isso tudo era serviço da gente. Era puxado, mas (o patrão) era bom rapaz. Eu gostava porque naquele tempo era tudo com respeito, os patrão também tava nos dias de tirar Reis. Ele cuidava dos camaradas. Ele só não gostava de briga, essas coisas de festa, ele falava “não, festa eu não gosto não, mas vocês podem divertir”. Dia de hoje tem tem patrão que não deixa os camaradas sair para tirar reis.

E o reis lá era a companhia Tira Couro?

Isso, Tira Couro, quando eu saía já tinha esse nome.

Como que fazia? Você se reuniam qual dia?

Ensaio era na parte da tarde. A mãe do seu Flávio era uma patroa muito boa, uma religiosa que tinha lá, então ela resolveu fazer uma Igrejinha, aí depois ficou aquele negócio da gente, fazia leilão, uma coisa e outra, pro pessoal arrematar, cada um dava alguma coisa. Aí eu falei: “vamo juntar as criança, pra gente fazer uma Folia de Reis pra arrecadar um dinheiro pra nós fazer a igrejinha”. Aí juntou as criancinha, mas não dava trabalho não. Eu arrumei a turminha e nós saiu, e foi continuando, depois ele faleceu e eu fui tocando a folia assim mesmo, no nome do Tira Couro e da igrejinha, daí cercou, pôs piso, pôs porta, assim, todo mundo ajudava, um dava uma coisa, outro dava outra. Nessa ocasião, o Ditinho era prefeito lá em São Bento, nós queria sair pra algum lugar, ele dava condução pra nós, dava caminhão pra gente. O Luís Fachado também deu caminhão pra nós, que Deus ponha num bom lugar.

Naquela época, a quaresma tinha mais coisa que o povo falava, tinha umas histórias?

Ah, tinha. Respeito. De primeiro entrava a quaresma, nós pendurava os instrumento e só sábado de aleluia e às vezes depois do meio-dia que nós tocava instrumento. Aí fazia forró, mas na quaresma não.

Não podia tocar instrumento nenhum?

Não, às vezes algum tocava, mas tínhamos aquele respeito.

E aquelas histórias que o povo contava de mula sem cabeça e lobisomem?

Isso daí, tinha esse negócio que na quaresma tinha mula sem cabeça, tinha lobisomem, mas a gente mesmo ver na quaresma, falar que a gente viu, aí não. Uma vez, na quaresma, nós vinha de um forrozinho do Formoso, aí nós viu um, num sei se é porco, ou se era cachorro, parece que tava comendo um bicho perto do mata-burro, parece que na divisa do doutor Marco, no córrego do Mina, embaixo. Mas logo que desapareceu a gente benzeu o porco ou o que seja aí o bicho saía fora. (risos) Mas o povo falava esses negócio...

Porque o lobisomem, o pessoal conta que é uma especie de um porco.
É, uma espécie dum porco.

Você já conheceu alguém que já viu algum lobisomem ?

Já.

E o que eu povo contava?

Contava que aonde tinha criança, o lobo, lobisomem chegava, arranhava na parede, porque gostava de pegar criança pequena, criancinha. Uma vez o pescador, seu Antônio Chico, foi pescar e um padrinho dele diz que virava lobisomem, né? (risos) Aí quando eles tava pescando junto, diz que apareceu aquilo jogando tabatinga pro lado dele, então tinha um rego, ele sentava o focinho naquilo e aquilo avoava, ele diz que falou com aquele porco, aí quando ele descobriu que era o padrinho ele, falou “ah...” (risos). Aí deu uma varada de anzol nele e ele desapareceu. Diz que quando foi o outro dia que ele tava contando o causo, diz que ele ficou quieto, que ele baixou a cabeça (risos). Aí descobriu! Porque tinha essas coisas assim, eu nunca vi não, graças a Deus. Dessa coisa que a gente viu, eu não posso falar que é lobisomem ou o que é. Nós viu essa coisa, mas a gente não zombava também.

Mas que tinha essas coisa andando na garupa de bicicleta dos outros, de cavalo, sempre o pessoal falava. Porque assombrar, eu não fiquei assombrado, mas uma vez, na noite do dia 31 pro dia primeiro, tinha uma folia lá dos vincentinos e eu fui ajudar eles. Aí rapaz, era uma meia noite, eu fui ajudar eles e aí nós veio embora, eles foi pra casa dele, eu fui pra minha casa. E a porteira lá



**A viola eu aprendi assim:
nós tinha a turminha que
tocava uma moda sertaneja,
então na inteligência da
gente, a gente foi vendo como
que um batia, outro batia, aí
foi pegando e foi indo.**

de casa, a divisa nossa, tinha a porteira onde é o asfalto que vem de São Bento pra cá. Eu cheguei, a lua tava clarinha, eu abri a porteira. O povo fala que de noite não deve bater a porteira. Eu abri a porteira e soltei ela devagarinho, deixei ela encostar no batente pra não fazer barulho. Cê sabe que quando eu andei acho que uns dez metros mais ou menos, a porteira bateu e fez isso:



**A porteira, durante o dia
podia deixar ela bater, mas de
uma certa hora da noite ocê
nunca que deve bater a
porteira não, se ocê passar
ocê leva ela, deixa encostar. E
porta, também, nunca que
deve tá abrindo porta e
batendo não.**

tá-tá-tá. Eu não olhei pra trás não! Eu benzi o corpo, chamei Santos Reis e falei: “que fique por aí!” Porque geralmente as porteiras de hoje, o pessoal faz de qualquer jeito, mas de primeiro, aonde encaixava a porteira, fazia uma cruz. Tem lugar que tinha essas porteira antiga, hoje você pode ir que tem uma cruz.

Então a porteira não podia bater?

Não, tanto é que a porteira durante o dia podia deixar ela bater, mas de uma certa hora da noite ocê nunca que deve bater a porteira não, se você passar cê leva ela, deixa encostar. E porta, também, nunca que deve tá abrindo porta e batendo não.

O que o povo falava que acontece?

Não, é porque podia assombrar. Conforme, eu não batia mas isso aí é uma coisa que às vezes acontece com a gente que se a gente falar pros outros, os outros fala: “isso daí é bobagem”. Eu não bati, do jeito que eu encostei ela devagarinho, aquilo também encostou três vezes devagarinho, porque se eu tivesse batido com força aí eu não ia ter perna nem pra sair do lugar, ué! (risos)

16 ORA!

Então a gente vê qualquer uma coisa assim. Uma vez nós tava tirando reis também, foi no Natal. Nós chegou lá na casa do seu Romeu, ficou lá e eu fui embora pra casa que ia sair no outro dia. Aí tava entrando no pasto do nosso sítio e os animais nosso assim, eu vi um homem, parece que com um terno, uma camisa branca, mas eu escutei um barulho, com coisa que era uma máquina de ferro, alguma coisa que fez barulho. Eu olhei, acho que foi Deus que me ajudou, porque quando eu vi, desapareceu. Cheguei lá em casa, eles esperando nós chegar em casa, porque era véspera de Natal, e eu perguntei: “uai, quem que tava ali?” Eles falou: “não, não tinha ninguém não”. “Tinha um homem perto dos animal, perto dos eucalipto grande”. “Não, num tinha ninguém não”. Ali Deus que me ajudou. E encruzilhada, não deve brincar com encruzilhada. Quando tá tirando reis, se pedir pra cantar, a gente nunca deve ficar numa encruzilhada, ou volta pra trás ou segue pra frente, porque se ficar ali, já aconteceu um rapaz uma vez nós tava cantando reis, o rapaz pediu pra cantar pra ele. Aí nós foi cantar, o rapaz que tava com a bandeira ficou no miolinho da encruzilhada assim. Rapaz do céu! Mas quando vê o rapaz foi torcendo assim, foi fazendo igual um cipó, e o trabalho que deu pra depois ele voltar o normal dele, e depois ele num tirou Reis mais não!

Ele foi contorcendo?

Não, deu um negócio nele assim, deu um acesso, uma coisa foi assim, aí nós enrolou ele na bandeira, ele coisou tudo, então a gente já pensa que é uma coisa.

E hoje deve ser mais difícil, porque antigamente encruzilhada era mais complicado, hoje as esquinas tudo tem cruzamento.

É um negócio complicado, a gente pra mexer com reis, tem que ter muita fé em Deus, porque às vezes não só os outros que faz não, às vezes as coisa fica andando assim. Porque de primeiro não tinha muita coisa assim não, agora hoje parece que virou redemunho, né? É uai! Cê nota aí procê ver, se dá um desastre qualquer num lugar aí, um morre três, quatro pessoas, fica aquela coisa, quando vê, já acontece qualquer uma outra coisa, aquilo vai ficando sem salvação, né?

CRÔNICA DANISA CHAVES

Chazinho com memória

Quando fui convidada para ir à sua casa não esperava encontrar por lá uma figura com uma história de vida tão ímpar e profundamente bela. Não me lembro do ano, não me lembro de como estava o céu e nem da estação que emoldurava o dia, quando conheci Dona Ágnes Zímanyi

Se bem me lembro, foi assim que começou nosso breve contato e nossa longa conversa. Uma vez na Churrascaria da minha família vi uma mulher bem interessante, amigos meus já haviam dito que ela sabia jogar tarô e eu admiradora das ciências ocultas logo me apresentei e falei da minha curiosidade sobre o assunto, não deu outra, logo, fui convidada para ir à sua casa. Chegando lá fiquei admirada de ver tantos quadros na parede, tantos bibelôs e souvenirs de todos os cantos da Terra. Ao identificar o espaço constatei que não teríamos uma conversa e nem uma tarde comum. Ficamos na sala conversando, quando ouvimos um pequeno barulho vindo de um dos quartos, Maihrika se levantou do sofá que a acomodava e foi até o quarto de onde vinha o barulho, que no caso era uma tossezinha débil e frágil um som quase não pertencente mais a esse mundo.

Eis que surgiu de lá uma senhora alta e esguia pelo seu tipo físico dava para notar que era elegante. Maihrika me apresentou a sua mãe na época com 90 anos, uma mulher que ainda conservava uma certa beleza, uma aura de pessoa bonita... Maihrika ofereceu a ela uma xícara de chá e um pedaço de bolo de laranja e assim nossa conversa deu-se por iniciada. Dona Ágnes era húngara conheceu os horrores das duas guerras mundiais saiu de seu país, aos 26 anos fugida dos invasores russos que violentavam, matavam. Lá na Hungria ela era artista de teatro, pianista e bailarina clássica, aqui no Brasil ela contribui com suas traduções para construção da Ponte Rio Niterói, em nossa cidade ela apenas foi a Dona Ágnes que habitava uma das casas

da Av. São João e que morreu aos 94 anos, que gostava de músicas clássicas de ler poesias de sua terra natal que tinha saudades do se país e de sua família e que depois de nossa breve conversa nunca mais se lembrou de quem eu era e eu jamais me esquecerei de quem ela foi.

Aliás, hoje o céu está azul com nuvens brancas e quase faz frio neste outono que emoldura o dia.



Carliedisto

ORA! INDICA

Os criadores do futebol tupiniquim



Talvez nenhum outro livro seja tão didático e profundo sobre os primórdios do esporte mais popular do país quanto *O Negro no Futebol Brasileiro*, do jornalista pernambucano Mário Filho (foto acima), que se radicou no Rio de Janeiro. Esta obra traz relatos dos primeiros chutes, dribles e peladas que provocaram a popularização do futebol, primeiro, na antiga capital do Brasil e, logo em seguida, em todo o território tupiniquim.

Se hoje é comum ver o futebol como uma prática antirracismo, no começo da jornada do esporte em solo brasileiro, a situação era oposta: só jogava em time grande gente de família rica, que estudasse nas melhores faculdades e, principalmente, que fosse branco. Era um tempo em que os grandes clubes cariocas, como o Flamengo e o Botafogo, se dedicavam prioritariamente ao remo e aos bailes para ricos. As páginas de jornal dedicavam grande espaço às disputas de regatas, e apenas algumas notinhas falavam sobre os resultados do futebol. Também nesta época eram disputados os primeiros campeonatos, em que eram inventadas jogadas hoje

20 ORA!



Fotos Divulgação

consideradas elementares como o drible de corpo, o chute com efeito e o toque de calcanhar.

Se na primeira década do século 20 foi relativamente fácil manter essa segregação, nos anos 1910 e 1920 a missão da elite de esbranquiçar o futebol foi ficando cada vez mais difícil, com o aparecimento dos primeiros craques negros e mulatos, como Arthur Friedenreich (na foto, à direita), o primeiro grande artilheiro do Brasil. 'Fried', como ficou conhecido, era filho de uma negra brasileira com um alemão, o que facilitou seu ingresso em clubes como o Flamengo, onde atuou em algumas temporadas. No entanto, as ligas de clubes cariocas fizeram de tudo para barrar a entrada de negros nos clubes, estabelecendo regras como a obrigatoriedade de atividade profissional e de alfabetização dos jogadores para que eles pudessem atuar nos campeonatos. A fiscalização era rígida, mas somente com os pretos, como revela Mário Filho na obra. O racismo institucionalizado durou até que o Vasco da Gama surgisse como o primeiro clube de massa, graças à abertura para negros no elenco. A popularização do clube de origem portuguesa fez com que o futebol tivesse que se render às classes populares, abrindo finalmente suas portas para a população de origem afrodescendente.

Mário Filho foi um dos primeiros cronistas esportivos do jornalismo brasileiro e é quem dá nome ao estádio do Maracanã. Este livro foi publicado em 1947.

REGISTRO

Oficinas promovem intercâmbio

Duas oficinas movimentaram a Viraminas nos meses de julho e agosto, promovendo o intercâmbio entre aprendizes locais e profissionais das artes cênicas de Minas Gerais. Os cursos foram de contação de histórias, ministrado pela atriz Ana Paula Lopez, do grupo Emcantar, e de Teatro de Rua, conduzido pela trupe Teatro Terceira Margem, de Belo Horizonte. Dentre as diversas técnicas trabalhadas nas duas semanas de atividades, foram apresentadas soluções para os projetos Recriação e Balaio de Minas, que tem na cantoria popular e no folclore a inspiração para o repertório de músicas e dança.

O grupo Balaio de Minas formou-se dentro do Ponto de Cultura Museu da Oralidade e hoje está em processo de ganhar independência, tornando-se um trabalho com mais processos de circulação, capacitação e intercâmbio. O Recriação é um projeto que envolve jovens a partir de 14 anos para a criação de um novo espetáculo que retrate a memória e o patrimônio imaterial da região de Três Corações. As apresentações estão previstas para dezembro em praças e espaços públicos da cidade.

O grupo Emcantar nasceu em Araguari e hoje tem sede em Uberlândia, no Triângulo Mineiro. Além de atuar com a formação de novos talentos nas áreas da música, das artes cênicas e do audiovisual, o grupo circula com o espetáculo Escutatória. Já o teatro Terceira Margem promove oficinas de mobilização comunitária por meio da arte de rua e circula promovendo processos de capacitação nas regiões Oeste, Norte e Zona da Mata de Minas Gerais.

Mais informações
Emcantar - www.emcantar.org

Teatro Terceira Margem
facebook.com/teatroterceira.margem

22 ORA!



